UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTES
JORNALISMO

CARLOS GABRIEL MARQUES LINHARES

O PALCO PEDE OUSADIA

JUAZEIRO DO NORTE
2026

CARLOS GABRIEL MARQUES LINHARES

O PALCO PEDE OUSADIA

Trabalho de Conclusão de Curso, Jornalismo, Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes (IISCA), Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Coutinho Parente.

JUAZEIRO DO NORTE

2026

CARLOS GABRIEL MARQUES LINHARES

O PALCO PEDE OUSADIA

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: 27/08/2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Coutinho Parente (Orientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Dra. Ligia Coeli Silva Rodrigues (Examinadora)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Ma. Zulmira Alves Correia (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFCA)

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

L756p Linhares, Carlos Gabriel Marques.
O palco pede ousadia/ Carlos Gabriel Marques Linhares; orientador Tiago Coutinho; ilustrações Paloma Piancó; fotografias Jão Luna. – 2026.
131 p.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE, 2026.

1. Jornalismo cultural. 2. João do Crato (João Ulisses Filho, 1957-). 3. Moda e indumentária. 4. Cultura popular — Cariri (CE). 5. Performatividade e figurino.
6. Memória e vestuário. I. Coutinho, Tiago (Orient.). II. Piancó, Paloma (Il.). III. Luna, Jão (Fotog.). IV. Universidade Federal do Cariri. V. Título.

CDD 070.44978

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

O PALCO PEDE OUSADIA

Carlos Gabriel



O PALCO PEDE OUSADIA

Carlos Gabriel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

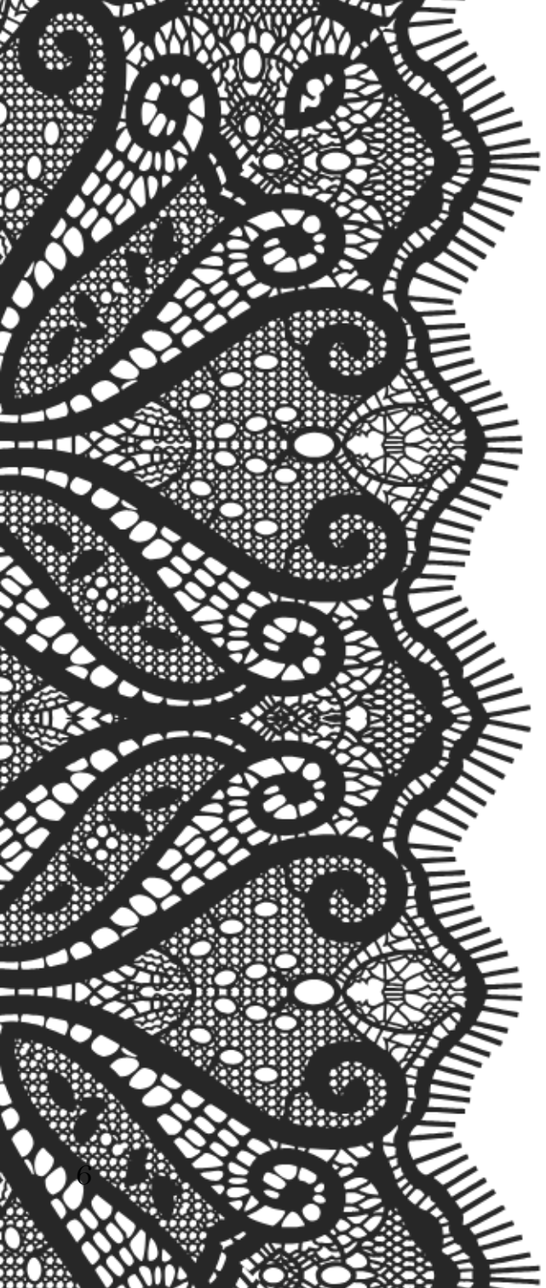
L756p Linhares, Carlos Gabriel Marques.
O palco pede ousadia/ Carlos Gabriel Marques Linhares; orientador Tiago Coutinho; ilustrações Paloma Piancó; fotografias Jão Luna. – 2026.
131 p.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE, 2026.

1. Jornalismo cultural. 2. João do Crato (João Ulisses Filho, 1957-). 3. Moda e indumentária. 4. Cultura popular — Cariri (CE). 5. Performatividade e figurino.
6. Memória e vestuário. I. Coutinho, Tiago (Orient.). II. Piancó, Paloma (Il.). III. Luna, Jão (Fotog.). IV. Universidade Federal do Cariri. V. Título.

CDD 070.44978

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355



Um pouco de loucura é a chave

Para nos dar cores novas para enxergar

Quem sabe onde isso vai nos levar?

E é por isso que eles precisam de nós

Então tragam os rebeldes

As ondulações dos seixos

Os pintores e poetas, e peças de teatro

E um brinde aos tolos

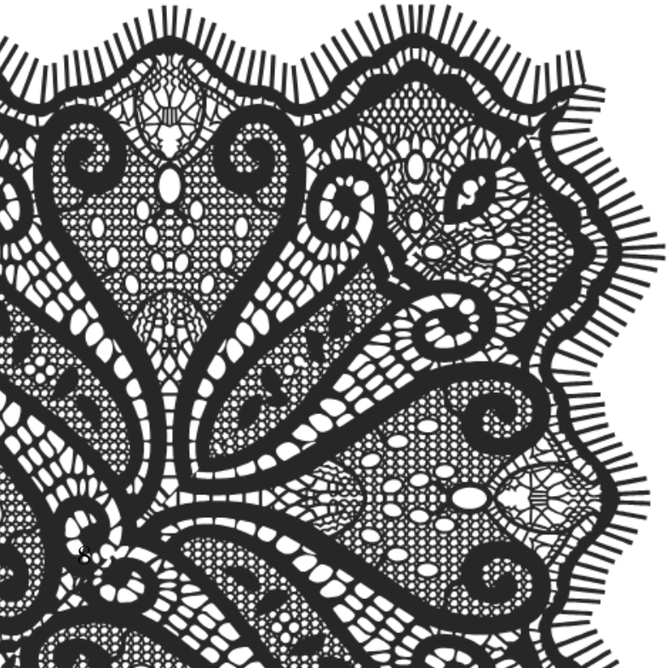
Que sonham

Por mais loucos que pareçam

Um brinde aos corações que quebram

Um brinde à bagunça que fazemos

-Trecho da música Audition (fools who dream) do filme La La Land Cantando Estações



Dedico este trabalho à árvore que me deu o prazer de ser seu fruto, Andréa Marques, Mainha, meu amor. E a quem me ensina a ser livre, a primogênita, minha irmã, Kallyny.

Sumário

Apresentação **12**

Parte 1 - Constante costura **16**

Parte 2 - Guarda-histórias **48**

Parte 3 - A hora do show **84**

Agradecimento **118**

Anexos **120**

Bibliografia **128**

Ficha técnica **132**

Apresentação

O livro *O Palco Pede Ousadia* é resultado do meu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Nesta obra, proponho uma visita pelas memórias e pelo guarda-roupa de João do Crato, artista criado no Cariri que, desde criança, constrói sua trajetória dentro da arte, através da música e da atuação. Ao longo dessa percurso, percebi que a imagem de João se forma também, e principalmente, pelo seu modo de se vestir. Com roupas que carregam personalidade e audácia, ele se apresenta ao mundo como alguém louco, ousado e espalhafatoso. Nascido em uma cidade interiorana, sexto de nove filhos, João traz em sua trajetória a busca por espaço, os medos, as polêmicas e muitas, mais muitas roupas.

Ao construir este livro, conduzo o leitor por diferentes caminhos para conhecer João. Primeiro, apresento sua trajetória de forma biográfica; depois, convido o leitor a entrar em seu guarda-roupa e, por último, busco unir o artista à sua arte, ao seu corpo e às suas roupas. Minha escrita foi construída a partir de entrevistas diretas e indiretas e de arquivos relacionados ao personagem e às suas histórias. Durante esse processo, deixei que a minha própria experiência nos encontros com João também conduzisse a elaboração do material. Minha principal intenção é permitir que o leitor conheça João do Crato para além do óbvio e daquilo que já foi abordado sobre ele em outros meios, utilizando suas roupas como um dos fios condutores para contar essas histórias.

Considero este trabalho importante também como uma forma de preservar a memória de João e instigar o leitor a conhecer mais sobre quem ele foi, quem ele é e até quais são os seus desejos e vontades. Ao longo da pesquisa, percebi que a relação de João com a forma de se vestir começa ainda na infância, a partir da liberdade criativa que encontrava dentro de casa e que era oferecida por seus pais. A partir dos encontros com o personagem, passei a buscar respostas para diferentes questões: qual o motivo do nome "João do Crato"? Como aconteceu sua entrada na música? O que o levou a ir para a capital cearense e depois retornar? Como escolhe suas roupas? De onde elas vêm? E quais memórias e histórias estão relacionadas a essas vestimentas?

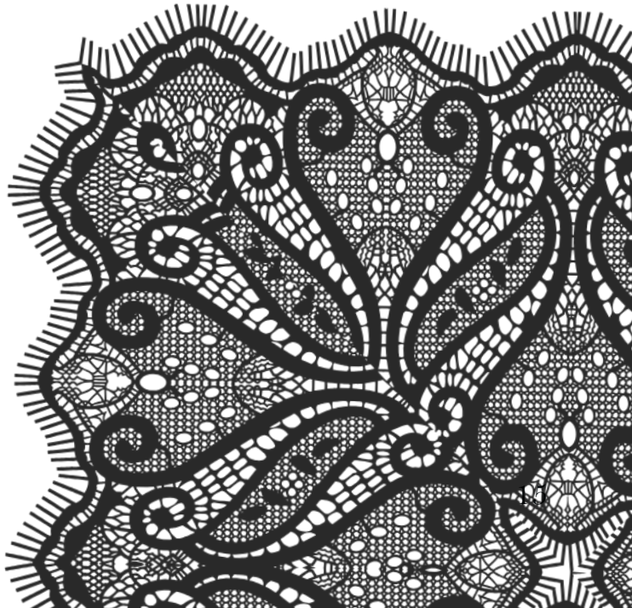
Dividi o livro em três partes. No primeiro momento, apresento a história de João por meio de uma reportagem mais pessoal, visitando as experiências vividas pelo artista em diferentes fases e espaços de sua vida. Escolhi trabalhar com as cores preto e branco para representar esse primeiro momento, buscando também traduzir o meu próprio processo de aproximação com o personagem. Eram os primeiros passos de uma experiência em que eu ainda não conhecia a total grandiosidade da trajetória e do trabalho de João. Nesse momento, um dos meus principais "personagens", o guarda-roupa, também ainda não havia sido explorado.

Na segunda parte, as cores ganham espaço e o guarda-roupa de João passa a ser explorado. A partir desse momento, os textos e produtos gráficos assumem as cores amarelo, azul e vermelho. Essa escolha surgiu da minha observação sobre as cores mais presentes nas peças encontradas no acervo têxtil de João. Para

aproximar o leitor das escolhas e das origens de suas roupas, construí essa parte a partir de uma entrevista em formato bate-bola, acompanhada pelo uso de imagens e tecidos que buscam criar uma proximidade visual e tátil com as peças do personagem. A intenção é que o leitor não apenas conheça as roupas, mas consiga perceber um pouco daquilo que elas carregam.

Por último, para encerrar o livro, criei duas histórias por meio de dois editoriais de moda que utilizam roupas e acessórios pertencentes ao próprio guarda-roupa e acervo de João do Crato. O próprio João assume o papel de modelo, enquanto utilizo como locações o Sítio Fundão, na cidade do Crato, e o Teatro do Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri, em Juazeiro do Norte. Por meio das fotografias, busco contar histórias que dialogam com a trajetória de João e, ao mesmo tempo, mostrar ao leitor como ele se relaciona com aquelas peças, como as veste e como encara a si mesmo através delas.

O Palco Pede Ousadia é um trabalho que começou em maio e foi finalizado em agosto de 2026. Durante esse percurso, contei com a ajuda de profissionais, colegas, professores e amigos, tanto meus quanto de João. O resultado é um trabalho impresso que busca reunir diferentes formas de narrativas, explorando não apenas a palavra, mas também a imagem, as cores, os tecidos e as sensações. Mais do que contar a história de um artista, este livro é o registro de um encontro entre mim e João, entre o jornalismo e a arte e entre o corpo e a roupa.



Parte 1

CONSTANTE COSTURA



No dia 19 de novembro de 2025 decidi convidar o professor Tiago Coutinho para ser orientador do meu trabalho de conclusão do curso de jornalismo, a ideia inicial era fazer um livro, contar histórias que falassem da relação que as roupas têm com o luto. Tiago aceitou, me animei mais ainda. Mas o tempo foi passando, e as ideias de contar essas histórias me pareceram distantes. Esse livro foi deixado para depois. O segundo tema era um podcast, bem mais simples, contaria a história de uma pessoa só, sem imagens, sem textos, apenas sons. Contei para Tiago e ele falou “Aí tu vai abandonar a moda?”. Essa frase me pegou.

Dentro e fora da universidade, moda sempre foi minha sede e o que me saciava. Pensava dia após dia em como iria inserir esse tema em pautas dentro de uma faculdade em que a moda junto ao jornalismo era basicamente nada. A frase de Tiago ficou por um bom tempo fazendo eco na minha cabeça. Acho que de tanto eu pensar e jogar para o universo o questionamento de que essa realmente era a melhor opção, o próprio Tiago me veio com uma proposta. No dia 26 de março deste ano, ele me chamou e falou que queria conversar comigo.

– Ei gata, tenho uma proposta pra te fazer.

– O que é? — respondo com olhar desconfiado.

– E se tu mudasse o tema do teu TCC?

– O quê? — respondi em um quase grito.

Depois do susto nós começamos a conversar e daí veio a proposta. Ele sugeriu que eu falasse sobre João do Crato, um ícone do Cariri. Mas não era só falar

sobre João, a proposta era pensar na relação dele com as suas roupas. Eu não dei a resposta de confirmação de imediato, mas assim que ele falou, o sim já era uma certeza na minha mente, só que eu jamais falaria tão rápido, precisava pensar bem, até porque eu sabia que falar de João do Crato não seria nem um pouco fácil.

O que chega a ser curioso e ao mesmo tempo fantástico, é que a minha primeira entrevista pós ensino médio, antes de entrar para o Jornalismo, foi com João do Crato. Eu era cinegrafista de uma produtora, nem sabia quem era João, mas sempre ouvia falar nele. No dia dessa entrevista ele estava com uma camisa gigantesca com estampa paisley, aquela que tem formatos que lembram gotas. Ela era misturada com um floral, uma coisa bem hippie. Ele também usava uma calça meio caqui e poucos acessórios, se a minha memória não me enganar, isso foi em 2021. A minha lembrança visual é dele ali, sentado em frente à Biblioteca Pública do Crato, e a roupa vinha antes do próprio indivíduo.

E aí dia vai, dia vem e eu fiquei pensando todo dia se mudaria o tema ou não, mas eu já tinha a resposta desde o dia da proposta, com certeza era sim, jamais negaria uma ideia como essa. E foi daí que começamos a pensar o que seria esse TCC, um documentário? Um podcast? um fotolivro? ou um livro? Um livro! Pronto, temos um produto. Só que aí o que que vai ter dentro dessas páginas? Como é que eu vou falar das roupas de uma pessoa tão autêntica no seu modo de vestir? Acho que a resposta foi observar e literalmente visitar esses guarda-roupas e essas memórias que carregam histórias e mais histórias. Por esse motivo, esse trabalho é dividido em três partes: essa primeira em formato de reportagem que reúne as histórias e vivências de João em sua infância até a atualidade, pensando o seu vestir e suas aventuras no palco e fora

dele; A segunda, que é uma entrevista com perguntas direcionadas a sua relação com o vestir e a terceira, dois editoriais de moda que captam a essência de João através de cenários e peças do seu próprio acervo.

O PRIMEIRO ENCONTRO

O contato inicial com João foi pelo *whatsapp*, expliquei a ideia e pedi para marcarmos nosso primeiro encontro. Ao final da conversa eu agradeci por ele acreditar no projeto e ele respondeu com essa frase: “Estou sempre disposto a desafios que culminam no belo, portanto estamos em sintonia”. Ao ler essa fala senti um misto de ansiedade, onde eu queria muito iniciar aquilo tudo e fazer logo esse TCC e, depois, um desespero, que vinha de uma insegurança que foi criada em cima de um imaginário de expectativas que talvez nem existissem. Mas como diria a frase: “Se tá com medo, vai com medo mesmo!”.

A primeira entrevista foi feita no dia 13 de maio, em sua casa. João mora no bairro São Miguel, no Crato, sua casa fica de frente a uma parada de ônibus, que está na frente de uma praça que envolve uma igreja. O imóvel também é voltado para uma via que conecta o centro da cidade à sua saída e, como cereja do bolo, também dá acesso à linha do trem. Ou seja, um cenário caótico para uma primeira entrevista, então já cheguei totalmente apreensivo, mas segui. Após um respiro profundo toquei a campainha. Olhei lá no fundo da casa — que estava com sua porta aberta — e vi uma pessoa altíssima se levantar rapidamente. Lá vinha ele, com os pés descalços, um micro short e uma camisa regata, o meu personagem principal, João do Crato.

– Oláaaa — eu falo desse jeito, puxando o A.

– Olá — João responde com sua voz séria e em tom seco.

Eu começo a entrar na casa dele e peço licença.

– Senta aí um pouquinho — disse ele apontando para uma cadeira que fica na garagem.

A partir daí comecei a me apresentar e falar da ideia do trabalho. Foi engraçado porque tudo que eu dizia ele só respondia com “hum” e “humrum”, mas sempre muito atento a minha fala. A rua, totalmente caótica, só nos permitiu ficar naquele espaço por 10 minutos, eram umas 19h, ainda horário de pico. Durante esse breve tempo lá, ele tirou suas dúvidas sobre como funcionaria o trabalho, a questão da logística e de como seria feita a escolha das roupas para o editorial.

Após tudo explicado, seguimos para o seu quarto que fica no fundo da casa, ali seria um local mais silencioso, onde poderíamos conversar melhor e a entrevista fluiria. O caminho até chegar a esse quarto é curto, mas observei todos os cômodos e coisas que tinham lá. Em uma das paredes havia a obra A Última Ceia gigantesca, o quadro era feito de tecido, parecia um tapete emoldurado, muito lindo por sinal. Para passar da sala para outros dois cômodos, que eram uma mini sala e uma cozinha, havia um portal com miçangas que faziam um barulho bem agradável ao se chocarem. E todas as vezes que o visitei a televisão estava ligada e os seus irmãos e sobrinhos estavam assistindo, parecia algo sagrado, desta vez a programação exibia um jogo de tênis, esporte favorito de uma das irmãs de João.

O quarto de João fica no quintal, atrás da porta que dá acesso a essa mini sala onde fica a televisão. Esse quintal é um local que só tem um varal, algumas plantas, uma pia, um lavabo e o quarto de João. Após percorrer todo esse caminho, entrei no quarto e, mais uma vez, observei tudo! É um espaço pequeno, uma cama de solteiro, um espelho na parede ao lado da cabeceira da cama; no lado esquerdo de quem deita nela fica uma cômoda repleta de coisas, inclusive seus acessórios, como pulseiras, colares e brincos, que estavam espalhados lá. E boa parte deles também ficam dentro de uma caixa de sapatos na parte inferior do móvel. No lado direito se vê outra cômoda, aquelas antigas de madeira, nela ele guarda parte de suas roupas, as que ele geralmente não usa muito ou que usa para trabalhar e andar na rua.

Na mesma parede desse móvel ficam algumas sacolas que ele guarda retalhos de todo tipo de tecido e, também, um vestido de noiva que ele ganhou de uma doação feita por uma loja de vestidos de baile que ficava próxima a sua casa. Há alguns anos ele prestava trabalho voluntário para uma comunidade do Sítio Melo, no Baixio das Palmeiras, zona rural que fica entre a cidade do Crato e Barbalha, onde organizava quadrilhas infantis e adultas, aquelas bem tradicionais. Para que as pessoas pudessem se vestir, ele pedia peças emprestadas, a loja então emprestou e depois de um tempo, como a peça era usada com frequência nas apresentações, as proprietárias resolveram doá-lo para ele. O vestido foi feito para uma noiva mais romântica, com o busto bem marcado e desenhado para o corpo, mangas curtas e bordado com pérolas de diversos tamanhos. Ele tem muito tecido e é bem largo e longo. Segundo João, ele seria facilmente usado por volta dos anos 60/70.

A peça foi vestida por todo tipo de corpo, menos pelo de João, que nunca conseguiu explorar o traje, mas que ainda fica guardado como uma “relíquia”e que hoje ele o reconhece como um vestido especial para quadrilhas. “Eu fui no Romualdo (zona rural do Crato) e lá teve uma quadrilha de homem vestido de mulher e mulher vestida de homem, aí eu emprestei para um senhor para ele ser a noiva [ele ri ao contar]. Aí pronto, aquele vestido ficou sendo uma marca, as pessoas sempre pediam emprestado, mas agora ele tá guardado porque agora as quadrilhas são outras histórias, as roupas não são mais assim, são umas coisas bem armadonas, diferentes.”

Retornando para a arquitetura do quarto, de frente para a cama, há uma chapeleira lotada de acessórios de cabeça de todos os tipos e formatos, que se misturam com algumas bolsas. Ao lado, fica uma prateleira com vários livros, fotos, CD′s e DVD′s, que para serem conservados estão cobertos por panos e por aqueles sacos de batata. E, finalmente, ao lado disso tudo, está o pote de ouro, a parte que eu mais esperava conhecer, o seu guarda-roupas. O móvel era daqueles bem antigos, feito de madeira, bem resistente, era em uma cor amarronzada banhada de verniz.

Após observar tudo, João me convida para sentar em uma cadeira de plástico com braços, então sento, abro meu notebook, converso mais um pouco com ele sobre como a entrevista seria guiada, aviso que vou começar a gravar tudo para poder usar esse áudio para me orientar na hora da escrita, dou o play e pronto. É a partir daí que começo a conhecer sua história. Só que mesmo depois de toda a conversa que chegou a durar pouco mais de uma hora, ainda senti falta de conhecer alguém, na verdade, algo. Até o fim da entrevista não pude me imergir pelas histórias têxteis, não pude entrar no seu guarda-roupa, que permaneceu de portas fechadas até a minha saída.



Guarda-roupa que fica no quarto de João

COMO NASCE UMA ESTRELA?

O Domingo foi por muito tempo considerado o dia do sol para as comunidades do Império Romano, mas sofreu uma alteração a partir do renascimento de Jesus Cristo. Desde então, países que têm a sua língua de origem sendo o latim, conhecem esse dia como o “Dia do Senhor”. Independente da definição, entre o sábado e a segunda do mês de abril, em 1954, mais exatamente no dia 11, deu-se a luz a quem no futuro havia de brilhar. Um astro acabava de nascer, mas esse não tem relação com o sol e nem com o superior divino. Uma criança que foi parida em meio a construção de um açude, o que explica, talvez, a origem da sua relação tão forte com a água. O astro da história que aqui escrevo, foi uma criança cabocla, vinda da mistura de raças, culturas e pessoas.

Nascido em Aracatiaçu, pequeno distrito da cidade de Sobral, no interior do Ceará, foi batizado com o que hoje é o quarto nome mais popular do Brasil e segundo entre os nomes masculinos com maior número de registros, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): João. Mas esse não havia de ser mais um, afinal, astros sempre hão de se destacar. O pequeno João é o sexto dos nove filhos de João Ulisses e Maria Cândido Ulisses, sim, o nome do seu pai também é João. A palavra de quatro letras é uma herança. Uma homenagem àquele que lhe gerou e o registrou. João Ulisses Filho.

João, o pai, era funcionário de uma órgão federal chamado DNOCS, Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, que atua desde 1909 na construção de açudes e estradas. O DNOCS existe até hoje. O seu trabalho não permitia que ele se estabilizasse em uma cidade ou estado. E foi de andança em andança que seu Ulisses encontrou Maricazinha, apelido que

levava Maria Cândido. O casal se conheceu em uma construção de um túnel em Icó, interior do Ceará. E a partir daí, depois de alguns anos, o namoro foi tomando gosto e criando frutos, foi então que nasceu Francy, a primogênita, depois Francineide, depois Francinilda, Francinildo, Franciné e aí veio João Filho, o astro.

Mas depois dele ainda vieram outros, a família era grande, no total foram nove filhos e, segundo João, nenhum nasceu na mesma cidade. A vida deles, por conta do trabalho do pai, era de mudanças. João basicamente só nasceu em Aracatiaçu, mas viveu boa parte da infância em Senador Pompeu, um município do Ceará que atualmente tem cerca de pouco mais de 24 mil habitantes. Sua cidade natal nunca mais teve a honra de ter os pés de João em seu solo, mas uma vez um de seus parentes, que é de lá, o garantiu que a casa onde ele viveu ainda estava do mesmo jeitinho.

As primeiras memórias que ele tem de quando era criança são em Senador Pompeu, por volta dos quatro anos de idade. Ele se recorda sempre de escutar música por amplificadoras que ficavam nos postes da comunidade onde vivia. Essas amplificadoras tocavam tanto na parte da manhã quanto da noite. De dia ele ficava na escola e quando chegava dela "Ia tomar banho de rio e ficava escutando a amplificadora" O que mais escutava eram as divas do rádio: Angela Maria, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba... todas! E seu lado artístico e criativo também já é desenvolvido nessa época. João e seus irmãos brincavam de fazer dramas atuando para a vizinhança toda ver. "E eu cantava, fazia aquelas brincadeiras com dramatização, que já era um personagem. E fui fazendo, fui brincando. Brinquei muito! Era sempre uma infância brincante.", me contou João com um sorriso aberto.

Toda essa infância também foi movida por questões financeiras, o que dividia o momento de diversão ao momento de trabalho. E o trabalho que falo aqui não é necessariamente o que servia para sustentar a família, mas um momento de coletividade e partilha de funções. João muitas vezes teve que carregar baldes de água, pois no local onde ele morava o acesso era baixo. Em seus relatos, ele conta que o que mais lembra da sua infância é que um senhor, que morava três casas após a dele, tinha um carro pau de arara que levava os flagelados da seca até São Paulo em busca de sobrevivência. Os carros iam lotados com diversas pessoas, inclusive crianças. A distância de Senador Pompeu para São Paulo é de 2.889 km, cerca de 37 horas de estrada. O período de criação das crianças também não era o melhor de se viver. Senador Pompeu, onde passaram boa parte da vida, foi um dos locais onde se instalou um dos maiores campos de concentração do Nordeste. Esse campo foi construído em 1932 pelo Governo Estadual e chegou a abrigar mais de 18 mil pessoas em condições precárias de fome e doenças. João, que nasceu em 54, pegou alguns resquícios desse momento que assombrou boa parte da região.

Na adolescência, quase vida adulta, por volta dos anos 70, em Mauriti, interior do Ceará, ele começou a trabalhar em frentes de serviço organizadas pelo Governo. Essas frentes serviam para alistar homens que trabalhariam na construção de açudes, já que, pela falta de água, não havia agricultura de nenhuma forma, nem plantio e nem colheita. Como seu pai era o responsável por dirigir esses trabalhadores, João o ajudou no cadastramento desses homens, que segundo ele eram centenas e mais centenas. O período era tão quente que não havia nem sombra direito, eles procuravam as poucas frestas que restavam para conseguir se alocar. O cadastro era apenas de homens, as mulheres serviam como barraqueiras, para fazer o alimento e distribuir.

Essa sua atenção por tudo o fazia captar as coisas sem precisar de muito esforço. A criatividade era o que lhe alimentava, o pai e a mãe, que tocavam violão, introduziram o canto para os filhos, que em boa quantidade, tinham uma voz divinamente bela. Ao chegar no Cariri, enquanto morava em Santana do Cariri, João teve seu primeiro contato com as lapinhas, que são encenações, que acontecem geralmente no Natal, onde crianças recriam a visitação do menino Jesus no presépio. Depois vieram as apresentações de reisado, coco e outras que fizessem com que João pudesse se mexer.

Logo no seu início, ele também participou do Coral Santa Cecília, da escola Solibel (Sociedade Lírica do Belmonte), que fica no distrito de Belmonte, Crato. O coral era regido pelo maestro Nivaldo Oliveira.Foi lá que ele pôde ter um aprimoramento em relação às técnicas vocais "A gente ia e passava uns 15 a 20 minutos ou meia hora fazendo técnica vocal de respiração... articulação de voz... Aí depois ia ensaiar as canções. O maestro trazia os arranjos divididos em quatro naipes: baixo, tenor, contralto e soprano, e aí a gente ia fazendo e compondo o arranjo das músicas para cantar em apresentação da comunidade, nas escolas e em eventos." destacou João que também afirma que esses momentos foram fundamentais para que ele pudesse entender sua voz e que serviram como um "laboratório de estudos". Ele não se recorda quantas vezes ia durante a semana, mas acredita que eram por volta de duas vezes e que poderia passar disso caso houvesse alguma apresentação durante a semana.

O grande responsável por criar a Solibel foi o Padre Ágio, figura respeitada na região do Cariri no que se refere a fé e a música, que recebeu um dos títulos eclesiásticos de maior importância para a igreja católica, o de Monsenhor, concedido pelo Papa. O Padre criou a escola após perceber, em visitas a comunidades rurais, que as pessoas costumavam entoar, durante o período laboral, os cânticos de trabalho. Foi então que ele resolveu implantar na comunidade do Belmonte, onde morava, uma escola que ensinasse a parte técnica e prática do canto para quem quisesse participar, pois acreditava que a música fazia parte do desenvolvimento humano. No distrito de Belmonte o Monsenhor ensinava os cânticos de igreja ao invés dos de trabalho.

João do Crato teve a oportunidade de conhecer e fazer parte de um coral regido pelo próprio padre Ágio, onde ele os ensinou a cantar uma missa inteira em Latim. "Nessa época ele ficou bem próximo da gente. Era incrível porque ele conseguia identificar as vozes de todo mundo. Nas vezes que eu não ia ele dizia 'Hoje o João não veio' porque ele já sabia como era que a minha voz ficava no contexto musical". Além desse momento no coral em sua vida adulta, João também já havia sido seu aluno quando criança no Colégio Estadual onde o Padre dava aula de francês e canto alciônico.

Mas a primeira vez que ele considera que realmente subiu em palcos foi quando jovem, dançando *twist* que era tradicional nos anos 60 e 70. Ele tinha uma parceira de dança chamada Romania e eles dançavam em festas de aniversário. Já eram conhecidos por várias pessoas como uma das melhores duplas no ritmo.

João, que sempre foi muito atento e sensível, não se sentia à vontade para participar das festas e shows que aconteciam na cidade. Ele lembra que a primeira vez que se propôs a sair do Bairro São Miguel, onde morava, para o Centro, foi em um encontro de paróquias na igreja São Vicente para participar de uma apresentação junto das suas irmãs e primas. Esse momento era como se fosse um festival de mostras de música dos movimentos de juventude.

Ele participava de um desses movimentos que fazia parte da igreja São Miguel, que levava o nome de "Movimento de juventude Marial" fazendo referência a Mãe Maria. Essas ocasiões serviram também para despertar muitas lideranças de jovens tanto dentro do movimento político quanto musical, um deles é o Abidoral Jamacaru, um dos maiores artistas com reconhecimento nacional por suas músicas e composições que o Cariri teve como filho.

Mas qual seria o motivo de João não gostar de sair de casa? Segundo ele, na adolescência ele começou a perceber a caretice que rondava o Crato. A cidade era dividida entre o centro, que concentrava as pessoas da elite e mais bem conceituadas, e em seus arredores, as periferias, com bairros menores e recém criados, como o Seminário e o São Miguel, onde João mora até hoje. Ele define o Crato daquela época como uma cidade "Coronelista", e isso é verdade. O Cariri foi um território totalmente banhado pelo coronelismo onde, em 1911, 17 líderes políticos se reuniram para trazer a família Acyoli ao poder para conseguir combater a "Política das Salvações" que buscava enfraquecer o poder das oligarquias regionais e centralizar a autoridade ao governo central. Dentre os líderes políticos estavam Luis Alves Pequeno que foi ex-intendente do Crato e Padre Cícero, líder religioso fundador da cidade de Juazeiro do Norte.

Mas pelo que eu entendi durante as conversas com João o termo "coronelista" não seguia bem o literal da palavra. Para ele essas pessoas eram grupos que tinham um modo de agir mais conservador e moral, ou na verdade falso moralista. Que não davam muita abertura para pessoas que não viviam dentro de seu ciclo social. Não tinha a ver com quem mandava e quem tinha terras, a questão ali era mais voltada a algo cultural, onde um modo de agir e viver não se relacionava com o outro e daí surgia um rompimento de espaços e pessoas,

onde o fulano que não era igual ao beltrano não podiam viver juntos. Essas coisas faziam com que João não conseguisse se imaginar como parte daquele espaço. Outra coisa que ele também levava em consideração era que acreditava que o Crato, diferente de Senador Pompeu, já era uma cidade grande e desenvolvida e por isso engolia quem chegava.

Ele só veio se sentir parte e fazer amizade com essas pessoas quando retornou de Fortaleza e pôde ter mais contato com os artistas locais, como Abidoral, que eu já havia citado. Eles dois se tornaram próximos pelo reconhecimento artístico um do outro. Ambos haviam acabado de voltar para o Crato e começaram a ter encontros por conta da música. João ia para casa de Abidoral e o conhecia cada vez mais. Abidoral inclusive o presenteou com uma fita cassete com suas músicas e foi a partir daí que João conheceu mais sobre a discografia dele e começou a interpretar suas músicas.

DE FILHO PARA CRATO

O nosso nome define basicamente tudo sobre nós, sem nome ninguém vive, a assinatura é a identidade de cada ser humano, mas com o passar do tempo a gente vai se transformando e adquirindo apelidos ou abreviações. Por exemplo: quem nasce Francisco pode morrer como Chico, quem é batizado como Isabela pode passar o resto da vida como Isa ou Bela, ou seu diminutivo, Belinha, ou a abreviação da abreviação: Ella. Alguns cantores inclusive mudam seus nomes, Larissa de Macedo Machado é uma dessas, a tão famosa Anitta. Alguns desses nomes têm significados, às vezes é questão de numerologia, como é o caso da dona do hit Show das Poderosas, que acreditava que ter dois Ts alavancariam sua carreira, ou que o nome iniciando com a letra A a ajudaria a ser a primeira em listas de premiações. A verdade é

que tudo tem história, e com João do Crato isso não seria diferente.

Como eu já tinha dito, João foi registrado como João Ulisses Filho e desde que eu soube da existência dele quis saber o porquê dele seguir com o nome Crato, principalmente porque era um pouco contraditório, já que ele não era naturalmente cratense e sim aracatiaçuense, ou melhor, João era do mundo, já que morou em várias cidades. Foi então que ao decorrer das nossas conversas surgiu a oportunidade de finalmente perguntar para ele qual o motivo dele ter adotado o nome João do Crato como seu nome artístico, se é que aquele era seu nome artístico, né? Então ele me contou a história e foi aí que meu mundo levemente desabou. Sabe quando a gente cria aquela história na cabeça de que a pessoa usa esse nome para demonstrar carinho pela terra que a salvou, ou que era uma promessa, ou que realmente tinha sido batizado posteriormente com esse nome? Enfim, criei várias, diversas, inúmeras *fanfics*, mas quando ele contou eu só disse "É sério?" e fiquei em silêncio.

Bom, a história é curtíssima, mas vale a pena contar. Assim como toda pessoa que nasce biologicamente e socialmente entendido como homem, passa por um dos momentos mais humilhantes do mundo ao completar seus 18 anos: o alistamento no serviço militar. João, assim como eu, tinha pavor da ideia de um dia ter que vestir aquelas roupas de estampa camuflada e jurar a bandeira durante a madrugada. Mas seu maior medo não era nem servir, era, na verdade, servir no Crato. E ele sabia que seria chamado, já que tinha o porte físico procurado pelos militares. Então ele resolveu se mudar para Fortaleza, acreditando que lá era uma cidade mais evoluída e que seria muito mais fácil ser dispensado, e assim foi feito.

Quando ele chega na capital já inicia o processo para alistamento. O método

de recrutamento naquele tempo era mais simples, eles chamavam os jovens e os perguntavam se queriam seguir na área militar, já que havia excesso de contingentes e precisava de uma seleção. "Você dava um argumento e eles findaram te dispensando. Eu argumentei que estava querendo estudar e fazer vestibular. Aí eles acabaram me dispensando." Mesmo depois da dispensa ele ainda continua morando lá. Ele dividia casa com sua irmã que já vivia lá há alguns anos trabalhando na DNOCS, assim como o pai. O seu padrinho prometeu para seu pai que iria arrumar um emprego para João em Fortaleza, foi então que ele começou a trabalhar em uma empresa que fabricava cervejas, naquele tempo se chamava Astra, e era popular por ser uma marca própria do Ceará, carregando o slogan "Astra, cerveja do Ceará!" . Ela era tão famosa que chegou a virar uma marchinha de carnaval.

"Carnaval com Astra"

(Francisco José Abreu)

Vamos minha gente simbora
Carnaval com Astra é melhor
Está na hora
Cerveja Astra é a melhor do Ceará
Em qualquer lugar você pode encontrar
Cerveja Astra geladinha o que, que há
Não há outra melhor no Ceará
Cerveja Astra chegou e abafou
Vamos beber e pular até o Sol raiar

Em 1999 a empresa ganhou um novo rótulo, agora é nacionalmente conhecida como Brahma. João trabalhava coordenando um grupo de garotas que vendiam essas cervejas de porta em porta. “O trabalho com essas meninas era maravilhoso, elas gostavam de mim porque eu era ótimo. A gente ia pra perto da praia de Iracema e eu dizia ‘Bora pra praia’, elas adoravam!”, relatou João. Ele saiu da Astra após perceber que já não estava mais se encaixando na área de cervejaria.

Depois daquele trabalho ele foi para outra empresa, a Mesbla, que era uma rede de lojas de departamento, dessa vez trabalhando no setor administrativo. Na nova empresa ele passou por situações que ficam entre o cômico e o trágico, para contar isso eu prefiro abrir aspas e deixar que a própria voz de João fale por si só: “Nessa outra grande empresa o gerente ficou louco por mim. Era um cara bem bonitão, eu não sei se era gay. Sei que ele se interessou por mim e queria me promover, mas naquela época eu só queria fumar minha maconha. Eu fumava dentro da empresa, mas acho que nunca notaram. Mas se bem que eu acho que sim, porque deviam sentir o cheiro, né? Aí ele veio com uma de eu trabalhar de paletó e gravata e eu disse ‘não, querido.’ e saí”. João não gostava da parte executiva, ele acha que se tivesse continuado na cervejaria e na Mesbla, hoje ele poderia ser um grande gerente careta e não era isso que ele queria para sua vida.

Sua saída da Mesbla se dá por conta da faculdade, ele começou a estudar Economia na Unifor e para se manter ele recebia um benefício do Governo Federal, era um fundo estudantil parecido com o Fundo de Financiamento Estudantil, o FIES, onde ele só precisava pagar após a conclusão do curso e ainda tinha direito a uma bolsa financeira mensal. Ele não chegou a finalizar a graduação, mas pode aproveitar as oportunidades que nasceram de lá. Pelos

corredores da Unifor ele teve contato com muitas pessoas que faziam trabalhos artísticos voltados para música e artes cênicas e aí, com a influência da época e a sua amizade com artistas, João inicia sua carreira na música na capital como um dos vocalistas no grupo Chá de Fulô que se apresentavam em festivais.

A maioria desses músicos moravam nos bairros Aldeota, Treze de Maio e Iracema, onde esses movimentos tinham mais força. João morava no bairro Presidente Kennedy, zona oeste de Fortaleza. O grupo era, segundo João, “composto por cabeludos que tocavam rock”. A banda fez muito sucesso na época e participou de muitos festivais. Nessa ida para lá e pra cá nesses festivais, o nome que hoje é o quarto mais popular do Brasil, segundo o Censo 1970-1979 do IBGE, ocupava a colocação de 2º lugar no ranking de nomes masculinos registrados da época. E para ser identificado entre as dezenas de Joões, as pessoas resolveram colocar o nome da cidade que ele vinha posterior ao seu nome de nascença. É daí que nasce o João do Crato.

Com o passar do tempo o nome foi ficando, as pessoas foram falando e pegou de vez. Um fato engraçado dessa história é que existiam outros Joões no Crato e que também trabalhavam na área artística e, por isso, muita gente não sabia quem era o verdadeiro João do Crato que fazia tanto sucesso em Fortaleza. “Teve um show que a gente ia fazer lá em Fortaleza que foi anunciado na televisão e falaram ‘show com participação do João do Crato’ e a televisão, como era do Ceará, foi também anunciado aqui [no Crato]. E as pessoas quando ouviram não sabiam quem era. Teve até um tempo que tinha um outro João aqui que cantava também, um negro, maravilhoso, cantava numa banda de baile, o Joãozinho. E aí as pessoas achavam que o João do Crato era

ele, porque era ele que era João e morava lá. “Depois que eu voltei pra cá foi que começaram a dizer ‘ah você é que é o tal do João do Crato’”

Quando ele retornou de vez para o Crato, já como João do Crato, teve que recomeçar tudo de novo. Para sobreviver, se juntou com irmãos e amigos e fez a Banda Cariri, uma banda de baile que cantava em diversas festas pela região. O trabalho era bastante cansativo, pois eles tocavam em bailes e precisavam animar o público, pois eram bailes para as pessoas dançarem. Além disso, tinha toda a logística de montagem e desmontagem do equipamento e transporte desses materiais. Depois disso ele foi se envolvendo com outros movimentos, como os carnavais onde fazia shows nos trios elétricos. “ Foi bem dinâmica a volta para o Crato, me serviu de um grande aprendizado.”

Quando questionei João sobre o retorno dele para o Cariri e sobre o “sucesso” que ele fazia em Fortaleza, ele disse que não havia sucesso nenhum e que as pessoas só conheciam ele por conta das transmissões que eram feitas nas televisões. Mas de alguma forma, mesmo que pequena, João já era um ícone e isso veio tomando força a cada dia mais. Todas as vezes que eu ia embora da casa dele após uma entrevista nós ficavamos por uns cinco minutos conversando na calçada, durante três desses cinco minutos pelo menos duas pessoas passavam por lá e o cumprimentavam. João faz sucesso por qualquer lugar que passa, ele pode até não querer assumir isso, mas é um fato.

O DESLUMBRE DO VESTIR

No dia dois de Junho eu retorno a casa de João, esse era o nosso segundo encontro. Dessa vez com outra proposta, me sentindo mais preparado, mais atento e talvez até mais incisivo. Toco a campainha, João abre, dá espaço para

que eu possa entrar e já vamos conversando em direção ao seu quarto. Naquele dia não houve uma pausa na garagem. Seguimos o mesmo percurso, passei por suas irmãs, as cumprimentei, entramos no quarto e eu sentei na cadeira. Dessa vez o que eu queria de João era saber mais sobre sua relação com as roupas, esse pedaço do meu trabalho serviria para compor a Parte 2 desse livro. De primeira falei que seriam perguntas simples, mas que talvez, por ser um tema muito específico ele precisasse ter um tempo para responder e que ficasse tranquilo com isso, ele só me respondeu com um “Tudo bem, eu tento” e nós começamos a rir.

Ao decorrer das perguntas e das respostas eu vinha sentindo uma aproximação com ele que não tinha sentido na primeira entrevista. Apesar daquele ter sido o nosso segundo encontro, parecíamos mais envolvidos, mais cientes do que estávamos fazendo ali. Junto de algumas respostas sempre vinha alguma risada ou alguma careta que eu olhava e dizia “Meus Deus, João é muito eu” Acredito que me enxergar nele me fez entender muito mais sobre o que eu poderia me tornar e o que eu poderia fazer com o meu trabalho. João é quase uma entidade, um ser que brilha muito mais que suas roupas e que é breve e transparente como chiffon.

Mas entrevista vai e entrevista vem, quando penso que já ouvi de tudo vindo dele, ele se levanta e vai ao local que eu mais tinha vontade de conhecer: seu guarda-roupas. Finalmente esse momento chegou, não demorou muito, mas de alguma forma pareceu que sim, eu já estava muito ansioso para entender como funcionava a cabeça dele e sentia que parte dessa explicação estava ali atrás daquelas quatro portas. Ao abrir, uma bagunça, mas uma bagunça

totalmente organizada, tudo era bem separadinho nos cabides, nas portas haviam lenços e cintos de sei lá quantos anos. Era tudo muito claro, ali estava João.

Ele tirou uma roupa que havia usado poucos dias antes da entrevista, em um show no Centro Cultural do Cariri, show em que homenageia o poeta Geraldo Urano, o Uranianos. A performance transforma as letras musicadas que ele deixou ainda em vida e mistura com algo livre e sensual que saem da voz e do corpo de João. Geraldo e João não eram tão próximos porque a convivência com o poeta era um pouco difícil de se estabelecer. Urano passou vários momentos de sua vida internado em clínicas o que dificultava a sua socialização. “Geraldo era uma figura meio problemática. Ele era meio frustrado, vivia surtando, teve varias internações em hospitais psiquiátricos. Mas ele era um anjo de uma inteligência, beleza, sensibilidade e poética incrível, mas era muito sofrido, né? Traumatizado por conta dessa pressão que o Crato sempre teve em cima desses filhos (Ele era o único homem de uma casa composta só por mulheres) as famílias faziam uma pressão muito grande, ele foi um desses pressionados.”

Retornando a sua roupa usada no show... O look era composto por três peças: uma camisa meio amarelada feita a partir de técnicas manuais, acredito que macramê e crochê; Uma calça que era conjunto com a blusa, então eram feitas do mesmo material; E, lá para o final do show, ele colocava uma espécie de xale gigantesco, na cor perolada, bordado com pequenas strass. Essa terceira peça entregava um movimento que o permitia quase voar com os pés sólidos no palco. Parte dessas peças, inclusive, compõem o editorial presente na Parte 3 do livro.

Leia na Minha Camisa

(Poesia: Geraldo Urano
Melodia: Pachelly Jamacaru)

Estrelas autênticas são raras,
e falsos brilhantes abundam.
Na minha camisa,
ela escreveu qualquer coisa:
Leia, é bom...

Há olhos castanhos e negros,
sorrisos verdes e azuis.
Não queremos corações pequenos
sobre pernas bonitas.
Que isso fique claro como o sol.

Na minha camisa,
ela escreveu qualquer coisa:
Leia, é bom...

Na minha camisa,
ela escreveu qualquer coisa:
Leia, é bom...

Mesmo agora, tempos depois de ter sido vestido por ele, eu ainda permaneço encantado. Recordo que comecei a tocar nas peças, com vergonha e respeito, pois sabia que ali nelas era depositado muito cuidado e afeto da parte de João. E, pouco tempo depois, sem esperar, João começa a procurar a entrada da cabeça e dos braços no xale, quando ele acha ele fala "olha aqui, ela é pesada e gigante" o "olha aqui" significava um "vista", mas eu fiquei me questionando com "será que ele quer que eu vista mesmo ou estou ficando louco?" Mas não estava, ele veio por trás de mim já colocando a peça em meu corpo. Me senti sagrado e especial, para quem desejava apenas ver as roupas, tê-las envolvidas no corpo era uma sensação plus, que eu jamais esperava, pelo menos não para aquele momento.

Depois daquele dia, em outro encontro, ele abriu o outro guarda-roupa que fica em outro quarto. Esse conta com peças exclusivas, nunca usadas, e algumas que já não cabem mais direito nele. Observando aquele monte de roupas, o que deu pra perceber é que João tem muita coragem. Digo isso porque durante as nossas conversas ele sempre se mostrou preparado para o que desse e viesse. Dele sairia uma boa resposta se um dia fosse questionado ou contrariado. João tem uma coisa que pouquíssimas pessoas tem: autenticidade. Mas além de tudo isso ele tem muito respeito por si. Os seus limites jamais serão ultrapassados para caber em nada. Com João o não é não e não se fala mais nisso.

A ROUPA, A RUA E O SHOW

"Eu costumo dizer que a única hora que eu não me sinto no palco é quando estou dormindo. Quando eu me levanto, eu já me sinto em um processo de performance." Essa frase foi dita por João em um dos últimos momentos que

tivemos juntos. Durante todo o período de preparação do livro eu saia falando com as pessoas sobre João do Crato. Eu perguntava primeiro se elas conheciam ele ou se já tiveram algum contato com algo dele. As respostas eram quase sempre iguais, inclusive dos públicos. Os mais novos, que não residiam no Crato, não o conheciam. Os jovens cratenses sabiam quem era ele, mas pouco, só por conta do carnaval, que de lei ele está anualmente na programação. Já os mais velhos, 30+, tinham muitas coisas pra falar dele. "João é um louco", "Vejo ele todo dia indo em direção a Secretaria de Cultura, as roupas todas esvoaçantes, coloridas", "João é icônico, uma coisa única, sempre coberto de brilho". A semelhança que eu encontrava nas respostas sempre eram sobre a personalidade de João: ousado, louco, autêntico e icônico; E em suas roupas: brilhantes, esvoaçantes, coloridas e, assim como sua persona, loucas.

A roupa é o elemento externo que mantém o contato mais direto e visível com o corpo, uma camada de quem somos e, muitas vezes, a primeira forma de contato com outros indivíduos, seja de forma visual ou tátil. A roupa que veste João perambula sozinha e às vezes chega nos lugares antes de seu corpo. Ele mesmo acredita que as pessoas preferem primeiro julgá-lo pelo que ele veste do que por quem ele é. Muitas vezes, inclusive, as pessoas estão no mesmo espaço que ele, o cumprimentam, mas nem sabem quem ele é, mas, caso você pergunte se ela sabe quem é João do Crato, com certeza ela vai descrevê-lo perfeitamente bem, e os adjetivos muito provavelmente serão relacionados a loucura, brilhos e cultura.

O psicólogo e doutor em sociologia e antropologia, Roberto Marques, escreveu no artigo *Embaralhando Nordestes: Produção De⌣ Sujeitos, Tempos e⌣ Espaços nas Narrativas e⌣ Performances de⌣ João Do Crato* a seguinte citação

sobre quando o viu pela primeira vez. “Sua postura atlética, cabelos louros, pele bronzeada e voz de tenor contrastavam com seus gestos sinuosos e sua calça de lycra rosa bebê boca de sino.” Essa era a imagem que João tinha nos anos 80, quem o via de longe acreditava que ali havia um homem sério e contido, mas ao chegar mais perto, as cores e os ornamentos lhe creditavam de outra maneira. Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. João durante todas as entrevistas sempre falou que era muito tímido em comparação aos outros e que apesar de ser como é, ainda não se via nas tribos que eram formadas no Cariri.

Desde criança João teve muita liberdade para vestir o que gostava e como queria, mas ele se tornou realmente livre em Fortaleza, no mesmo período em que ele foi para servir ao tiro de guerra. Por lá, com a influência da cidade que mastiga moda e foi uma das primeiras a terem reconhecimento na área dentro do Nordeste, João pôde passear por diversos grupos e conhecer pessoas que trabalhavam com a construção de peças para vestir, uma delas é, até hoje, seu estilista, o artista artesão Giovani Sampaio.

Eles se conheceram em uma feira de artesanato onde Giovanni vendia acessórios, principalmente colares, em sua maioria feitos com fibras naturais. Após visitas quase cotidianas a essa feira o artesão convida João para sua casa que ficava localizada na Barra do Ceará, que naquele tempo era uma vila de pescadores onde não morava quase ninguém. Eles tinham algumas coisas semelhantes: a admiração por arte, principalmente a música, a ousadia criativa e o Crato. O pai de Giovanni é cratense. A relação deles dois deu tão certo que anos se passaram e as colaborações ficaram ainda mais próximas. Giovani era responsável por boa parte da imagem que era criada para João, era ele quem desenhava e costurava suas roupas de shows e fazia seus acessórios.

Pude fazer uma entrevista curta com Giovanni para saber um pouco mais sobre a vida de João. Bom, as respostas não foram das mais esclarecedoras, a conversa foi bem curta, mas acredito que o que nos impediu de trocar mais figurinhas sobre João foi a distância. Por morar em Fortaleza, a única possibilidade que tive foi fazer essa entrevista por ligação, mas cavucando aqui e lá consegui tirar algumas coisas dele. Vou deixar aqui um trecho do que mais me chocou:

– Quando vocês se conheceram como ele era de estilo?

– Mais ou menos como é hoje. — responde rindo.

– E era?

– Mas era mais discreta a roupa, não era tão como ele gosta hoje.

– Antigamente ele era mais discreto? — pergunto chocado.

– Era. Ele usava tudo, mas a roupa era mais simples.

Eu não consigo imaginar João vestindo roupas simples, isso é quase como dizer “olha só, aquele pavão não tem penas”, uma total quebra de imagem. Mas como Giovanni falou, vou acreditar. Só que aí pouco tempo depois ele me responde falando sobre esse João que minha mente conhece.

– Você lembra de alguma peça que você desenhou ou construiu para ele?

– Há muito tempo atrás eu fiz um calção fio dental para ir pra praia. Aí eu fiz um, ele gostou e eu dei pra ele.

– Como era esse calção?

– Era como se fosse um tapasexo fio dental. Ele fez um rebuliço danado na praia com esse calção.

– As pessoas ficavam olhando era?

– Era. Ele chegou até a ser chamado por policiais — ele falou isso dando várias risadas.

Esse sim se assemelhava com o João que eu vinha conhecendo. Alguém que quebra barreiras e não tá nem aí para o que veste ou até não veste.



A esquerda Giovani Sampaio e a direita João do Crato na preparação do show no Canta Nordeste em 1993

Uma das peças mais marcantes para João do Crato criada por Giovani foi feita para sua apresentação no Festival Canta Nordeste, realizado pela Rede Globo. Os dois resolveram homenagear a Dona Ciça do Barro Cru, uma figura emblemática do Cariri que esculpia a cultura da região em barro sem a utilização de fogo. A roupa se construía a partir de dois itens: tinta, usada para a pintura corporal e papel machê, para a montagem do figurino que era uma saia que lembra uma bailarina e uma camisa que se assemelha a modelagem um body. Sim, a roupa era feita de papel e foi toda construída para o corpo de João.

O Canta Nordeste era televisionado e seguia todos os protocolos caretas dos anos 80/90, então a roupa de João e Giovani, apesar de cobrir o corpo e ser só um pouquinho curta, ainda foi considerado um afronte para a época. João foi aconselhado a não usar aquela roupa no ao vivo, pois isso poderia prejudicar a sua apresentação, mas como eu já havia pontuado, para João, não é não e, para ele, aquela proposta foi totalmente negada.

Ao iniciar o show João vestiu as peças e subiu no palco. A festa foi feita, e ele cantou a canção “Dona Ciça do Barro Cru na Feira do Crato”, que era uma composição própria e toda a performance foi feita por completo. A roupa que João usava? fez muito sucesso entre o público e a imprensa. Para ele aquele momento foi “icônico”, mas como ele já tinha sido avisado, as consequências vieram. O show teve sua transmissão interrompida poucos minutos depois que o artista entrou. De forma escancarada a liberdade de João foi censurada, mas a sua ousadia, essa permaneceu do início ao fim.

Dona Ciça do Barro Cru, quem ele homenageia na apresentação, foi uma de suas grandes amigas. Eles se conheceram na feira do Crato, onde ele passava quase toda segunda-feira. Nessa época havia um grande fluxo de pessoas que passavam por essa feira só para vê-la. Ela fazia algumas peças ali, ao vivo, no chão, para quem quisesse ver. A relação deles dois era bem genuína e de admiração, sem nenhum tipo de pretensão. No ano do falecimento da mãe de João, Dona Ciça também se encantou, a música cantada por João na apresentação no Canta Nordeste, foi escrita após sua morte que marcou bastante.

Dona Ciça do Barro Cru na Feira do Crato
(João do Crato)

Não, não é sonho e nem fantasia,
é a glória da artezania
desfilando em barro cru,
com reisados e mamulengos,
Lampião e Tengo-Tengo,
Preto Vei conta prá tu.

E Dona Ciça brejeiro,
beiços pintados na feira,
falava de sua criação,
personificando brinquedos,
ela prateava com areia
as asas da imaginação.

Corre aqui, Jinú, pra ver,
a noiva perdeu o buquê,
as pedras mudou de lugar,
tem um saci-pererê
xingando com Zabelê,
ajeita aqui meus colar.
(Bis)

Dona Ciça do Barro Cru na Feira do Crato
(João do Crato)
Não, não é sonho e nem fantasia,
é a glória da artezania
desfilando em barro cru,
com reisados e mamulengos,
Lampião e Tengo-Tengo,
Preto Vei conta prá tu.

E Dona Ciça brejeiro,
beiços pintados na feira,
falava de sua criação,
personificando brinquedos,
ela prateava com areia
as asas da imaginação.

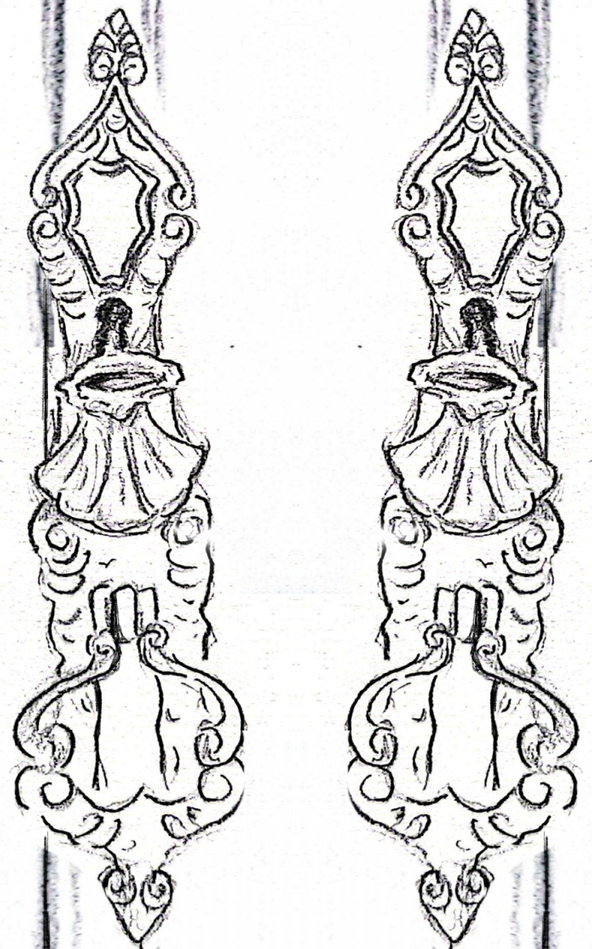
Corre aqui, Jinú, pra ver,
a noiva perdeu o buquê,
as pedras mudou de lugar,
tem um saci-pererê
xingando com Zabelê,
ajeita aqui meus colar.
(Bis)

O FIM DO PRIMEIRO ATO

Para que esse livro tomasse forma, foram necessárias sete visitas à casa de João, dois encontros externos para as fotos dos editoriais, uma ligação, 4 encontros de orientação com Tiago e inúmeras mensagens para conseguir produzir isso tudo. João do Crato, hoje, para mim, representa muito mais que um artista, ele se tornou um ídolo, alguém que eu admiro e sempre irei elogiar.

Durante todos os encontros fui recebido com muito carinho e dedicação por parte dele. João estava entregue para mim, topou tudo e acreditou desde o início que este trabalho aconteceria e teria um pedaço de mim e um pedaço dele, juntos. Acredito que esse encontro serviu para me mostrar a semelhança em alguém que eu nem imaginava e às vezes quando a gente menos espera o jornalismo nos apresenta histórias incríveis de serem contadas e ouvidas.

Finalizo essa primeira parte introduzindo o que vi em João e sua história. Daqui para frente a moda se fará em palavras ditas pelo próprio João e mostradas através de suas roupas lindas e invejáveis.



Parte 2

GUARDA-HISTÓRIAS





Na última pergunta desta entrevista, questionei a João sobre no futuro suas roupas virarem exposição em um museu, o início da sua resposta foi objetiva e sucinta: “Acho que todos os caminhos levam a isso”, — disse ele com um olhar que parecia comunicar uma predestinação. Nesse mesmo dia, João abriu pela primeira vez seu guarda-roupas para mim, ou melhor, um de seus guarda-roupas. Aquilo não era apenas um móvel, ali dentro havia um acervo de histórias, de construção e adaptação. Dezenas de cores, texturas, tecidos, acessórios, sapatos, tudo que se possa imaginar. Tudo que se possa imaginar nele. E no outro guarda-roupa, que ficava no outro quarto, havia um mundo, esse pouco explorado por ele, com roupas que ou não cabiam ou ainda não tinham sequer sido usadas. Lá também tem mais brilho, mais glamour, com peças em paetê e vestidos tipo kaftan acetinado. Quando iniciei a entrevista não pensava que além de cantor ele também era um *stylist* nato. As roupas tinham que se adaptar ao corpo dele, tinham que ter brilho, transparência e ousadia. Uma vez li que roupa é um abraço, mas para João, ela é como um grito. Algo político, que informa a sua existência, que já é prejulgada por todos que já o conhecem e por aqueles que ainda terão o prazer de o conhecer. Moda para ele é um espaço seguro, ele sabe brincar com ela e usá-la. A liberdade no vestir sempre esteve ao seu lado e o apoio para experimentar veio de dentro de casa com um carinho de mãe. João do Crato é um guarda-roupa aberto e repleto de histórias e audácia.

“A minha maneira de **ENXERGAR A MODA** era como se fosse uma coisa que estivesse sempre **ALÉM DO TEMPO.**

João do Crato

Como é a sua relação com a moda?

Eu acho que eu sempre gostei de me vestir de uma forma especial. Eu sempre gostei de eu mesmo escolher as minhas coisas. Eu lembro que desde criança a minha mãe já me sacava bem, já sabia do que era que eu gostava. Eu tive uma infância muito pobre, na verdade. A gente não tinha muita opção. Mas eu lembro que eu tinha umas roupas que era eu que via o tecido e escolhia, sabe? Dizia para a minha mãe, ela era muito maravilhosa, então ela sempre fazia as coisas de acordo com o que eu gostava. Não era nada muito imposto. E eu sempre gostei de me vestir de uma forma que não fosse também muito comum. Eu sempre gostei de vestir-me de uma maneira bem especial. A minha maneira de enxergar a moda era como se fosse uma coisa que estivesse sempre além do tempo. Eu sempre gostava de uma coisa que não estava dentro do contexto da atualidade. Era uma coisa que estava rompendo umas barreiras para buscar uma coisa mais na frente. Eu lembro das revoluções pelas quais passou a moda. Quando surgiu a minissaia, a *twiggy*. Eu achava maravilhoso!

Como você define seu estilo?

Eu acho que... meu estilo... Eu acho que seria um estilo bem próprio. Eu só me visto com uma coisa que eu acho que combina comigo. Mesmo que as pessoas achem que não, mas quando eu visto uma roupa, eu acho que combina. Nem que seja para eu fazer algumas intervenções (modificar a roupa).

Dentro desse teu estilo, o que é que você acha que não pode faltar nas tuas roupas?

Eu gosto de brilhos! De transparências! Eu gosto muito de coisas transparentes. Que deem uma sensualidade. Eu agora no show do Juazeiro [do Norte] ***O show que ele estava se referindo era o Vislumbre, do artista caririense Junú, feito na comemoração do aniversário de 20 anos do BNB Cultural Cariri, no dia 23 de maio, nos arredores da Praça Padre Cícero, onde João pôde fazer uma participação especial.***usei uma calça super transparente. Quando a luz bate aparece o corpo todinho, bem legal! Eu boto por baixo um fio dental que ninguém nem vê porque é tão pequeno... Eu gosto dessas coisas, das transparências e dos brilhos. E de uma coisa que não seja muito definida, uma coisa meio andrógina. Nem é uma coisa tão masculina, nem é uma coisa feminina, mas é uma coisa que... que é diferente. Que trate dessa coisa meio neutra. Uma coisa bem andrógina mesmo.

Tem alguma cor que você goste de usar?

Não, eu não tenho nenhuma cor. Eu gosto muito do preto. Eu gosto muito do vermelho. Aliás, eu gosto de cores vivas! E aí eu findo gostando de tudo. Das estampas... Os estampados remetem a essa coisa da cultura popular, dos festejos juninos, dos grupos de tradição.

O teu estilo mudou junto com o tempo?

Eu acho que tem uma coisa meio do tempo também, das adaptações. Por exemplo, nos anos 80 era bem rock'n'roll, aí tinha aquela coisa que tinha

muito cabelo, muita coisa colada no corpo. Depois foi que eu optei por coisas mais esvoaçantes, mais transparentes, maiores. Então antes era muita coisa colada, sabe? E aí vai mudando e você vai se adequando. Mas é questão mesmo do tempo e também a sua própria estrutura [corporal] que vai mudando um pouco. Graças, que eu tenho mantido ainda um pouco do corpo. Mas eu não tenho esses limites também não, viu? Se for preciso eu vou fundo mesmo, não tenho nenhum problema. Eu gosto porque eu acho que o palco ele pede isso... pede ousadia!

As roupas que você usa bebem de algum lugar, tipo, tem alguma influência, ou elas vêm da tua vontade?

Eu acho que é uma visão bem ampla de mundo, o que você observa no mundo inteiro. Tudo que eu vou vendo de interessante eu vou juntando. Antigamente a gente usava muita coisa do meio da feira do Crato. A gente ia na feira e encontrava calções para usar na praia. E aí quando a gente chegava na praia com essas roupas o pessoal ficava louco, porque era tudo muito diferente. Era uma calça fofa que o Giovanni ***Conhecemos melhor sobre quem é Giovani na Parte 1 deste livro na página 40*** bordou, tingiu com casca de manga e casca de cajueiro e bordou com cordões. E aí quando a gente vestia e chegava na praia ficava todo mundo boquiaberto! Porque as pessoas estavam de helanca e malha e a gente vestia coisas daqui, das feiras do Cariri, que a gente comprava e adaptava. Eu sempre gostei dessa coisa de misturar esses elementos. [A moda] ela é sua, mas a partir do momento que você bota no mundo, ela está para o mundo.

Você acha que a gente veste a roupa ou a roupa veste a gente?

Eu acho que é bem meio a meio. Porque se não tiver um diálogo, você não vai se sentir vestido. Você tem que sentir que a roupa está te vestindo e que essa roupa foi você que escolheu para vestir. Então é uma coisa bem dividida. Acho bem legal essa coisa de você usar o que você acha que tem a ver contigo. E a partir desse momento ela lhe veste e você consegue se sentir bem.

Teu guarda-roupa tem peças que vieram de vários lugares, né? Mas na hora de escolher, tu sempre gostou de escolher tudo?

Eu tenho um bocado de roupas que eu usei às vezes até no cotidiano que as pessoas acham diferente, mas que eu peguei num brechó. Umas roupas que vinham da Alemanha, que vinham para ser vendidas pela carta diocesana para as ações sociais. O pessoal me convidava para ajudar a vender as roupas no bazar e eu escolhia muita coisa para mim. Coisas que geralmente ninguém queria aí eu trazia para mim. Que eu achava que era roupa legal, que ia ser bom para o palco, e que eu iria me sentir bem vestindo. Então eu tenho essa coisa também de ganhar. As pessoas me dão roupas e eu visto. Uma vez um amigo meu passou uma época no lixão do Crato. Ele é um louco, um cordelista bem doido. E no lixão ele pegava muita coisa e ele pegou muitas roupas e me deu algumas. Disse 'olha João isso aqui tava no lixo e eu me lembrei de ti.' e eu disse 'pois vamos, me dê!'



"Você tem que **SENTIR QUE A ROUPA** está te vestindo e que essa roupa foi você que **ESCOLHEU PARA VESTIR.**

João do Crato



Descrição das peças em "Anexos" na página 118































"[A moda] **ELA É SUA**, mas a partir do momento que você bota no mundo, **ELA ESTÁ PARA O MUNDO**.

João do Crato

Como você faz pra escolher as roupas para o palco?

Quando tem um show aí eu começo a imaginar o que é que eu vou vestir. Aí eu fico fazendo as composições: "Aquela calça com aquela." Eu sei que antes do show eu faço umas 10 ou 15 combinações. E tem horas que na hora vai uma que não foi, que não tava nem combinado, que eu peguei e disse "aqui, é isso que vai dar certo hoje!" Mas eu geralmente fico fazendo na minha cabeça, compondo as coisas. O que é que daria certo, isso com aquilo, aquilo com aquilo.

Mas geralmente você tenta escolher a roupa de acordo com o show ou não? Como no Uranianos, que é uma roupa quase específica?

O Uranianos tinha essa história de fazer essa performance com essa roupa... Mas assim... Não tenho assim, de repente... E até que tem, dependendo do show. Geralmente, quando a gente vai fazer um show, o show tem um nome, né? E aí, a partir daquele nome, por exemplo, o show da Marinês ***A Marinês que ele se refere é a cantora nordestina considerada a "Rainha do Xaxado". Um dos primeiros destaques femininos na cena do forró, xaxado e baião, líder do grupo musical Marinês e sua Gente, que teve início no ano 50 e começou a ter destaque no ano de 57.***, era um macacão desenhado à mão. Tinha um show, O Candente ***Um show feito durante a pandemia, através de live, com João, Abidoral Jamacaru e Pachelly Jamacaru, onde eles interpretavam as músicas dos irmãos Jamacaru.***. O Candente eu usava muito uma roupa brilhosa, uma calça brilhosa e uma camisa brilhosa, porque era uma coisa de candência, de iluminação, de luz e tudo mais. Geralmente tem alguma coisa a ver.

Tem como subir no palco sem usar as tuas roupas? Você acha que se te colocassem, por exemplo, para vestir outra coisa, você ia se sentir à vontade?

Eu acho que... usaria! Assim, eu nunca fiz um experimento assim. E sim, quando, por exemplo, no desfile de Ariane, eu vesti. ***Esse desfile foi nos anos 90, era para uma coleção da estilista e professora Ariane Moraes. O show aconteceu no Teatro Rachel de Queiróz e João era um dos modelos e performer, onde fazia a abertura do desfile, saindo de um fosso que ficava abaixo do palco. Ele estava vestindo um calção e meias de crochê, botas de salto e sem camisa.*** Foi uma roupa específica que ela fez para o [show do] desfile, e eu vesti, né? Eu acho que não tem problema, não. Eu acho que o personagem da gente, de acordo com o que você vai encenar no palco, ele tem que ter uma coisa que o identifique. E eu aceito muitas sugestões. Se a pessoa disser "Se fosse tu não vestia isso, vista isso." e se me mostra uma coisa que me convença, eu vou numa boa, sem nenhum problema. Agora, assim, eu geralmente, quando eu vou fazer, eu já imagino o que eu tenho em vista, em mente, né? Pra vestir aquilo. Se acontecer alguma coisa extraordinária, aí a gente vai fundo também.

Existe uma diferença no teu modo de se vestir na rua e no palco?

Tem uma diferença, mas assim, tem roupas que eu não vou, por exemplo, trabalhar com elas, né? Mas eu gosto também de, no trabalho, eu ter uma coisa que me identifique, que não fuja das minhas características. Não gosto muito de ir muito dentro dos padrões de trabalho, não. É tanto que, na Secretaria de Cultura, uma vez uma pessoa disse "Deixa João vir do jeito que ele quiser". Porque uma vez um secretário veio dizer que eu não fosse de

bermuda trabalhar. Eu digo, “Pois eu vou!” E aí ela disse, “Não, por favor, não vamos exigir do João um comportamento assim, que seja muito careta.” Aí eu visto o que eu quero. Nunca ninguém impôs nada, não.

Teve alguma vez que você teve medo ou alguma insegurança de usar alguma roupa?

Eu acho que não. Na hora que eu disser que vou, eu vou mesmo e pronto! Eu sempre sabia que ia ser muito chocante, mas a partir do momento que eu entrava no palco, pronto!... Talvez essa maneira como você se impõe no palco, é que eu acho que as pessoas respeitam, né? Assim, Finda dizendo, “Não, posso até achar estranho, mas eu vou me conter”. Mas, assim, nunca cheguei a dizer “Vix... não deveriam ter vindo assim.”, isso nunca aconteceu. Se eu disser que vou, eu vou mesmo e não tem isso, não.

Você usa muitos acessórios também, né? Eles são importantes para composição do estilo?

Eu gosto demais! Essas coroas eu vou usar no palco independente de qualquer coisa. E as fitas que eu já acho que tá comum demais eu boto pra dentro [da coroa] e visto assim, só a coroa sem a fita pra não ficar muito reisado. ***Essas coroas que ele cita eram coroas tradicionais de reisado que ele guarda no quarto***. Tem tanta coisa aqui... Tem umas três caixas só com bujumdanga de acessórios, de colar, de pulseira. Aqui já tá cheio! Eu vou usando, vou botando aqui, depois vou jogando pra lá e tirando outros. Gosto muito. Cintos, gosto muito também. Tem um aí velhíssimo, que eu adoro! que é das épocas que as pessoas iam para os Andes. Já tá velhinho, mas eu adoro ele. Tem um colar aqui que eu adoro, porque ele faz um barulho, quando eu tô

com ele no pescoço, ele é de coco babaçu, feito pirografado. Eu gosto muito de ruídos, de coisas que saem um pouco do contexto.

Você costuma repetir suas roupas?

Pois é, repete, porque na verdade eu tenho muita coisa, mas sinto que eu repito. Agora tem essa coisa para não ficar exatamente igual, eu sempre boto alguma coisa, algum elemento para diferenciar. Mas, na verdade, as vezes o fundo é o mesmo, aí às vezes eu boto algum adereço, algum colete, alguma coisa. Mas, geralmente, eu preferia até nem repetir muito não, se eu pudesse ter milhões para não repetir. Mas também tem isso, tem a limitação, apesar de ter muita coisa, nem todas são de palco. Tem as do cotidiano, que não cabem no palco. Assim, cabem, porque na verdade o cotidiano também é um palco, mas tem umas especiais para palcos maiores. Mas é isso, não tenho uma preferida não, eu gosto de fazer algumas composições, juntar uma peça com a outra, um adereço com a outra, uma coisa assim, para não ficar muito comum também, muito parecido.

E de onde vem tanta liberdade, assim? De onde vem tanta ousadia, nesse seu modo de se vestir?

Acho que da própria repressão, né? Da própria estigmatização, né? Que as pessoas te estigmatizam demais. Ela olha para ti e já te dá um nome ou alguma coisa nesse sentido. E eu, quando eu comecei a ir para os palcos, eu resolvi que eu ia peitar tudo isso. E com muita coragem. Porque, assim, a minha participação no Canta Nordeste, que eu te falei, nos anos 90, eu achei que foi de uma ousadia grande, porque, naquela época, ninguém tinha coragem de fazer aquilo, de ir assim para um palco, da maneira como eu fui [com uma

roupa feita de papel machê] ***Essa história está mais detalhada na página 43 da Parte 1 deste livro.*** Principalmente em um festival que já não era como os festivais dos anos 70, de Mutantes, que faziam uma revolução, não nesse sentido, mas era uma revolução visual, bem psicodélica, né? Eu não, já foi uma coisa de ousadia mesmo, de enfrentar uma coisa que era inusitada diante de todo o contexto do festival. Então essa liberdade e ousadia vem da coragem mesmo. Que eu nem questiono se eu vou ter coragem ou não. Essa coisa vem e pronto. É assim que tem que ser e não tem negócio de pensar duas vezes, não. Não tem como vacilar nem ter medo, não. Porque se você der qualquer vacilo, meu compadre, externa, e aí vira uma coisa meio complicada. Aí eu não tenho medo, não.



"O palco pede isso... PEDE OUSADIA!

João do Crato

Parte 3

A HORA DO SHOW

(Editorial)














OUSADIA NÃO
SE COPIA


OUSADIA NÃO




































Os editoriais têm o intuito de contar uma história por meio das fotografias, roupas e acessórios, pensando também que o cenário é um dos grandes responsáveis por vender a ideia que queria ser transmitida. Quando comecei a criar o conceito destes dois editoriais, levei em conta o que João me falava sobre sua vida e o que as pessoas me diziam sobre ele. Para que um editorial seja feito, se é exigido muito custo, tempo e equipe, o que nesse caso houve uma redução estratégica onde eu tive que ocupar a maioria dos papéis. Me aventurei como: diretor criativo, que é a pessoa responsável pela montagem do conceito abordado no trabalho; editor de moda, quem monta a parte visual relacionado o conceito a moda, fazendo também uma curadoria das imagens e suas destruições na publicação; e produção de moda e styling, que são duas coisas que andam juntas, mas tem funções diferentes, por exemplo: quem pensa a história que aquele look vai contar é o styling fazendo uma seleção de peças e acessórios, já quem busca essas peças pós conceito, é o produtor, tendo responsabilidade também por montar o modelo no dia das fotos.

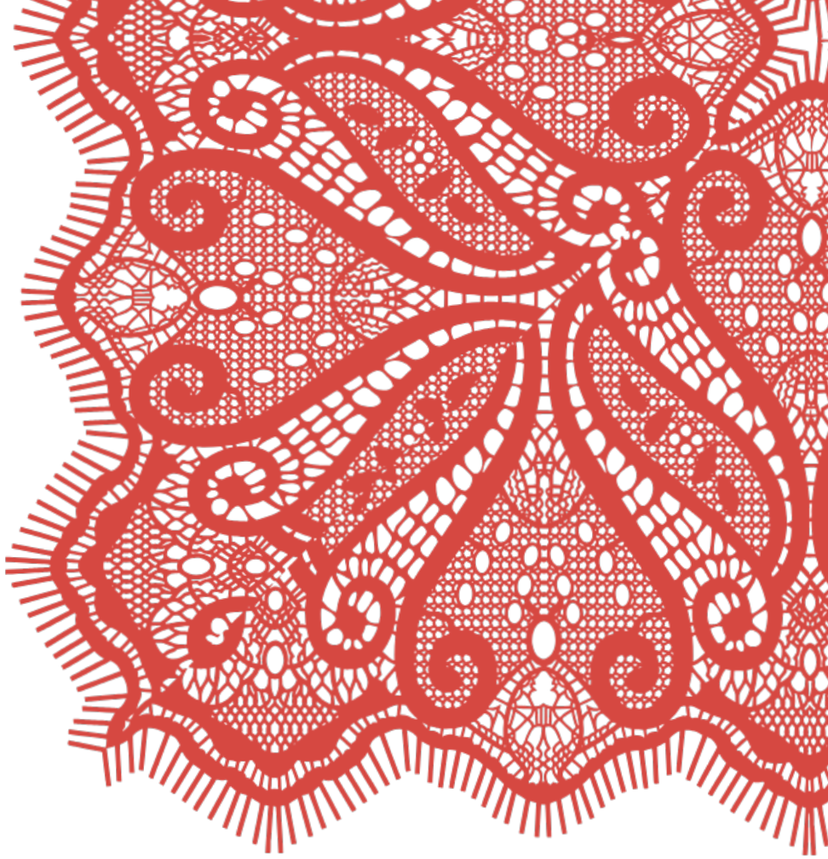
Os editoriais não necessariamente precisam levar títulos, mas para conseguir imaginar o conceito eu resolvi intitulá-los, o primeiro se chama “Bicho da mata”, onde se pretende demonstrar João em sua total liberdade, misturando elementos da natureza com peças fluidas em seu corpo. Ele é dividido em três partes: A primeira representa o voo, onde João é um bicho voador, seja ele pássaro ou borboleta, que roda por uma árvore brincando para lá e para cá. O local escolhido foi a árvore mãe do Sítio Fundão e foram usadas 3 peças para compor o look; A segunda é a terra, onde João está mais sério e o foco é apenas no seu rosto e o fundo é uma parede de pedras. As peças usadas foram um tecido de renda vermelho que é do próprio João, acessórios de pescoço e um boné feito exclusivamente para o editorial, com a frase “ousadia não se copia” remetendo ao título do livro; O terceiro é o sol que se encontra com a água, utilizando duas

peças que trazem fluidez e liberdade para o personagem. João tem o papel de um ser místico, cheio de acessórios no corpo e cabeça.

O segundo editorial apresenta dois tipos de João e eu o intitulei de: reflexo. O primeiro João é um observador, representando quem ainda não conhece o artista. Aquela pessoa que julga o livro pela capa ou a peça pelo cartaz. Foi utilizado para esse momento peças mais sérias e até “conservadoras” como o blazer, sapato fechado, camisa longa, calça com teor mais social e colares grossos. O cenário foi o teatro do Banco do Nordeste Cultural Cariri, essas primeiras fotos foram feitas nas cadeiras onde fica o público. O segundo João é o João do palco, espalhafatoso e com roupas de show. Foi escolhido para esse momento muito brilho, peças construídas em paetê roxo que faiscam na luz. Nos braços, pulseiras de miçanga e douradas e nos pés, botas em couro antigo. O cenário dessa vez é o palco, habitat de João, onde ele fica livre e faz careta para quem o julga.

Todas as peças, menos o boné utilizado no primeiro editorial, fazem parte do guarda-roupa de João. Eu queria que as roupas tivessem a função de passar a mensagem, até porque não faria sentido colocar outras peças para representar o próprio João. Esse mesmo argumento também serve para a escolha do modelo, que também é ele. No primeiro momento eu tinha pensado em colocar outras pessoas para vestirem as peças, mas por querer algo mais íntimo e pessoal, João foi o modelo da sua própria história.

As fotos foram feitas pelo fotógrafo Jão Luna em dois dias. O editorial contou com a produção de Andreza Raquel, Leandro Gomes e Ana Livia Bezerra Alves, que também assina a maquiagem. Essa parte específica do produto faz parte de uma realização pessoal minha, que desde que entrei na faculdade busco fazer um editorial de moda em alguma produção impressa, mas infelizmente nunca havia conseguido. Agora sim tenho um editorial para chamar de meu.

Agradecimentos

Os agradecimentos do livro talvez sejam a minha escrita mais difícil, não sei porquê, mas deixei para escrever ela no final. Os últimos meses que me fizeram pensar cotidianamente esse TCC foram muito significativos para mim como pessoa. Passar por todas as etapas me fez relembrar tudo que fiz durante os quatro anos de curso… foi muita coisa. De onde venho, trabalhar sempre foi um ensinamento servido na mesa, e eu, capricorniano como sou, comia esse prato insaciavelmente. Conclusão: uma vida privada de alguns momentos, sejam eles dentro ou fora da universidade. Me arrependo? Jamais! Acredito que tudo que sou e fiz, vem dessa vontade de vivier experiências profissionais.

Os agradecimentos então vão vir do fundo do coração de uma pessoa exausta, mas muito satisfeita, que se realiza a cada dia no profissional e no pessoal. E para começar, quero agradecer a duas pessoas que tornaram esse trabalho possível e palpável: João do Crato, meu personagem principal, que em nenhum momento soltou minha mão ou deixou de compartilhar sua vida longa e linda comigo e, meu orientador, Tiago Coutinho, que me doou esse tama tão importante acreditando em mim e na minha vontade de falar sobre moda dentro do jornalismo. Muito obrigado por tudo!

Agradeço a todos que passaram por mim durante esses quatro anos de curso, principalmente ao meu grupo: Abilio, Bárbara, Larissa, Ryan, Tharla, Gyselle e Kalil, que me fizeram rir, sorrir e tremer de vergonha dia após dia. As minhas afilhadas, Camily, Suyanne e Juliana, obrigado por terem tornado os retornos da UFCA para o Crato momentos tão felizes e de gritos. Agradeço também aos meus professores que foram tão importantes para mim e me inspiram tanto: Ligia, minha primeira mãe, Isadora, a segunda, Ivan, meu pai, Capistrano, Liliane e Juliana. Meus mais sinceros e verdadeiros agradecimentos a vocês.

Saindo dos muros da UFCA, quero agradecer a quem há muito tempo me faz sorrir, chorar, ficar com raiva e me descobrir e redescobrir. Agradeço a três pessoas que sabem que se não fosse por elas esse trabalho talvez nem existisse. Andreza, Ana e Leandro, eu amo vocês e sempre vou amar. Obrigado por cuidarem de mim nesses longos oito anos e por sempre estarem aqui. (Agora um mico: se declarar nos agradecimentos do TCC).

E por último, para não me estender, agradeço a quem dediquei esse livro. Aquelas que me formaram para ser um homem justo e dedicado. A me respeitar e não buscar o mínimo. Que viram todo meu esforço e minha paixão pelo estudo ser construído e que acolheram todos os meus processos. Obrigado por tudo Mainha e Kallyny. Obrigado Mainha por ter tido a paciência de me ensinar a ler e a escrever, olha só, hoje seu Bebeu tem um livro. Obrigado Kallyny por ter continuado firme no seu sonho mesmo depois de tudo que passamos. Se hoje eu entrego o último trabalho da faculdade, isso é graças a vocês, que me fez acreditar que era possível.

Agora, depois de estar totalmente em lágrimas, agradeço a pessoa que sempre quis me ver escrevendo esse texto. Aquela que sempre me acompanhou e me desejou nesse lugar. Ao pequeno Carlos Gabriel, que sonhou em um dia ter um diploma, tá vindo aí! Você conseguiu mesmo depois de tanto. Obrigado por não desistir. Obrigado por sonhar!

Anexos

Descrição e/ou história da peça:

"É tipo um paletózinho, tudo na lantejoula prateada e é também para noite, para espetáculo, para cena mesmo, de palco."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É tipo um sobretudo para frio, para climas mais frios, que também foi uma peça de um brechó que um amigo me presenteou, para a ocasião de uma viagem para climas mais frios."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É uma calça que o pessoal chama saruel. É uma calça bem interessante que eu ganhei também de presente de um brechó, de uma figura que trouxe, de um brechó lá das Europas também."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É um colete de Vanda Pontes, bordado à mão também, estilizado, uma coisa bastante interessante. E ela fez exclusivamente para mim, é uma peça exclusiva e é um belo trabalho de bordados e criatividade."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É uma túnica em cetim, tingida por Giovanni Sampaio que fazia parte do espetáculo "Tentação e Morte de Judas", era uma túnica que Nossa Senhora vestia. Depois que o espetáculo deixou de acontecer, eu trouxe ela para o meu figurino."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"Um chapéu de praia, feito com linhas, acho que é tricotado, não sei definir, pode ser até industrializado, mas ele tem um estilo bastante interessante também e protege bastante, é bem interessante."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"Um cinto que era usado por uma personagem do espetáculo "Não Verás País Nenhum", encenado pela atriz Tica Fernandes e que depois que o espetáculo saiu de cena, eu ganhei de presente o cinto da personagem principal do espetáculo."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É um colete de patchwork, também tingido pelo Giovanni e confeccionado também por ele."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É uma tiara também feita com fibras vegetais trançadas e tingidas e com contas de barro, de cascavel, feito também pelo Giovanni Sampaio, que eu lembro que eu usei no lançamento do disco da Massafeira, em 80, eu acho, não lembro a data exata."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É um conjunto pintado à mão pelo artista plástico Samuk e confeccionado por Vanda Pontes usado no show em homenagem a Marinês e Sua Gente"
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É um conjunto pintado à mão pelo artista plástico Samuk e confeccionado por Vanda Pontes usado no show em homenagem a Marinês e Sua Gente"
-João do Crato



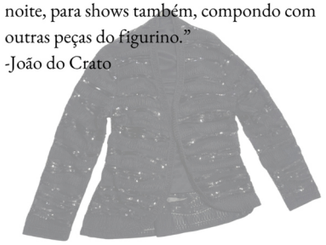
Descrição e/ou história da peça:

"Uma faixa, uma faixa bordada também à mão por índias, por aquelas mulheres indígenas do Peru. É uma peça raríssima."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"Um mini paletó, não sei se seria esse o nome, um blazer de mangas compridas, trabalhado com brilhos e lantejoulas e é uma peça para noite, para shows também, compondo com outras peças do figurino."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É um bermuda jeans, bordada à mão, uns bordados florais e que veio de um brechó lá das Europas."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É uma caftan longa, de patchwork, com os retalhos todos de tecidos importados, que vieram de um brechó e que Vanda Pontes construiu, juntando retalhos por retalhos e ficou uma caftan belíssima que eu usei no show Candente, lá no Centro Cultural do Cariri, no Festival Unaé."
-João do Crato



Descrição e/ou história da peça:

"É uma bolsinha, um acessório, tinge feito à mão, bordado à mão e tingida pelo Giovanni Sampaio, que é um grande artista artesão"
-João do Crato



Bibliografia

CASTILHO, Kathia. Moda e linguagem. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.

ENTREVISTA – JOÃO DO CRATO. [Vídeo]. Publicado pelo canal Cariri TV, 11 set. 2019. 1 vídeo (25 min 48 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Dparut1JLoA. Acesso em: 28 maio 2026.

FAÇANHA, Astrid; MESQUITA, Cristine. Styling e criação de imagem de moda. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

INVOGUE: o estilo e as histórias de quem ama moda. São Paulo: Edições Globo Condé Nast, 2023.

JOBIM, Ana Carolina. Moda e teatralidade: convergências da comunicação de moda com elementos dramatúrgicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. Anais [...]. Natal: Intercom, 2008. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0884-1.pdf. Acesso em: 26 maio 2026.

LINKE, Paula Piva. A moda, a indumentária, o traje popular e o figurino. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 6., 2013, Maringá. Anais [...]. Maringá, 2013. p. 1-12. DOI: 10.4025/6cih.pphuem.188.

MARQUES, Roberto. Embaralhando Nordestes: produção de sujeitos, tempos e espaços nas narrativas e performances de João do Crato.

Amazônica: Revista de Antropologia, v. 8, n. 2, p. 456-478, 2016. DOI: 10.18542/amazonica.v8i2.5052.

MARQUES, Roberto. “Nessa cidade que eu plantei pra mim”: performatividades tropicalistas em uma pequena cidade do Nordeste brasileiro. Trabalho apresentado ao Congress of the Latin American Studies Association (LASA), Lima, Peru, 29 abr.-1 maio 2017.

MARQUES, Roberto. Nordeste, contracultura e Cultura Popular: lugares cognitivos e ficções persistentes na poética de João do Crato. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 65, n. 2, e198022, 2022. DOI: 10.11606/1678-9857.ra.2022.198022.

MARTINS, Vanessa Alexandra Ribeiro. Criação e promoção: o editorial como promotor da moda. 2014. Relatório de Estágio – Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2646/1/TM_VANESSA_MARTINS.pdf. Acesso em: 2 jun. 2026.

MOURA, Shayná. Fios de Reis: trajes, memórias e tradições. [S. l.]: Editora Respo, 2026.

NOBRE, Leila. Fábrica da Brahma: só restou a saudade... Fortaleza Nobre, 28 set. 2011. Disponível em: http://www.fortalezanobre.com.br/2011/09/fabrica-da-brahma-so-restou-saudade.html. Acesso em: 11 ago. 2026.

RODRIGUES JUNIOR, Paulo de Oliveira. Notas sobre o queer e o camp na moda. dObra[s], n. 41, p. 13-37, maio/ago. 2024.

SALES, Sueleide Silva Pereira; BATISTA, Isaac Matheus Santos;

FERNANDES, Raquel Aragão Uchoa; ARRAZOLA, Laura Susana Duque. O papel do figurino na construção da persona do cantor Ney Matogrosso. Iniciação: Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 61-82, 2019.

SHOW CANDENTE: Abidoral Jamacaru, João do Crato e Pachelly Jamacaru. [Vídeo]. Publicado pelo canal Abidoral Jamacaru, 30 jun. 2021. 1 vídeo (46 min 51 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SaTm94mwUJc. Acesso em: 13 ago. 2026.



Ficha Técnica

Livro

Reportagem: Carlos Gabriel

Produção: Carlos Gabriel

Diagramação e projeto gráfico: Carlos Gabriel

Auxílio na diagramação: Paulo anaximandro

Ilustração: Paloma Piancó

Foto de capa: Jão Luna

Fotos de acervo: João do Crato

Orientação: Tiago Coutinho

Editorial

Direção criativa: Carlos Gabriel

Edição de moda: Carlos Gabriel

Produção de moda e styling: Carlos Gabriel

Produção: Andreza Raquel, Ana Lívia Bezerra Alves, Leandro Gomes

Produção executiva: Carlos Gabriel

Foto: Jão Luna

Maquiagem: Ana Lívia Bezerra Alves

Modelo: João do Crato

Locações: Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri e Parque Estadual Sítio Fundão

Todas as peças utilizadas para o editorial, menos o boné, fazem parte do guarda-roupa/acervo do João do Crato.



Fontes: Eb Garamond (tamanho 12), Bell MT (tamanho 13),

Garet (tamanho 11) e Palmore (tamanho 70)

Papel couchê 240g

Técnica têxtil: DTF têxtil

Diagramado pelo Affinity

ANEXO

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Data e local da assinatura eletrônica

gov.br
Documento assinado digitalmente
TIAGO COUTINHO PARENTE
Data: 25/08/2026 16:28:51-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br